

## O elefante na sala

*Há um ponto que não está na agenda da cimeira da NATO, em Washington, e de que ninguém fala. Mas ninguém pensa noutra coisa: chama-se Donald Trump.*

**Nuno Severiano Teixeira, Público, 10/07/2024**

A NATO fez 75 anos. Tem razões para celebrar. É a mais forte e mais duradoura aliança político-militar da História. Mas também tem razões para estar preocupada com o futuro. Precisa de se adaptar ao novo ambiente estratégico e enfrentar enormes desafios. Seja qual for a declaração final da Cimeira de Washington, procurará dar resposta a três ou quatro prioridades da agenda da aliança.

Primeiro, a Ucrânia. Ainda não será desta que a NATO abrirá negociações para a adesão formal como a UE já fez. Mas poderá oferecer uma solução política mais robusta que garanta sustentabilidade e previsibilidade na assistência militar à Ucrânia: a multilateralização e a liderança da NATO no Grupo de Contacto para a Defesa da Ucrânia. Com a missão específica de coordenar a ajuda, um quartel-general próprio e comandado por um general de três estrelas. É uma garantia de segurança para Kiev, um sinal político para Moscovo e, diz-se, "uma ponte para uma futura adesão".

Segundo, a defesa colectiva e a dissuasão. Perante a ameaça imperial, militar e territorial da Rússia, a defesa colectiva, missão tradicional da aliança, ganha uma nova prioridade. A NATO precisará de reforçar o flanco leste, a prontidão da resposta militar, o combate às ameaças híbridas e, claro, as indústrias de defesa.

Terceiro, a atenção à China. A China não é, como a Rússia, uma ameaça directa, mas é um rival estratégico que coloca desafios crescentes: no Atlântico, no Ártico e num conjunto de campos não geograficamente delimitados como o ciber, o espaço e a desinformação, para não referir os domínios comercial e energético. A NATO não pode ignorar a Ásia e, nesse sentido, o reforço das parcerias globais com os aliados asiáticos IP 4 (Austrália; Nova Zelândia; Japão; Coreia do Sul) são cada vez mais importantes.

Quarto, a coesão política da aliança. A NATO é uma organização militar, mas é, mais do que disso, uma aliança política. Defende os interesses na nossa segurança, mas assenta num conjunto de princípios e valores partilhados: a democracia, o multilateralismo e uma ordem internacional baseada em regras. Ora, estarão esses princípios e valores assegurados e a coesão política da aliança garantida?

É que há um outro ponto que não está na agenda e de que ninguém fala. Mas ninguém pensa noutra coisa. Sim, há um elefante na sala: chama-se Donald Trump. Promotor imobiliário, Trump tem uma concepção transaccional da vida. E também das alianças e dos aliados. Resume tudo ao deve e haver e acha que a NATO é um

mau negócio. Que os EUA pagam de mais e que os europeus pagam de menos. E, pior, que o que não gastam em defesa investem na economia para invadir o mercado americano com os seus produtos. No seu primeiro mandato Trump alarmou os aliados com tais posições. Acusou-os, ostensivamente, de não pagarem. E chegou a dizer que não se sentia obrigado a defender os que não pagassem os 2% do PIB para a defesa. Isto é, pôs em causa o Artigo 5 e, com ele, a essência da aliança.

Numa cimeira da NATO chegou a perguntar, em público, ao conselheiro de Segurança Nacional se não deveriam abandonar a NATO. Agora, já em campanha, voltou a dizer que não defenderia os aliados que não pagassem e, não contente com isso, encorajou os russos a fazer o que quisessem contra eles. No seu *site* de campanha pode ler-se que os EUA "devem terminar o processo iniciado sob a [sua] administração de reavaliar o propósito e a missão da NATO". Os *think tanks* da campanha de Trump já trabalham para transformar a ideia em política pública. E os cenários vão desde o simples desinvestimento militar e financeiro na aliança até uma "NATO dormente".

Uma vitória de Trump, em Novembro, pode colocar a Europa entre a ameaça russa e o abandono americano. Isto é, entregue a si própria. Mas com Trump ou sem Trump é preciso que os europeus tenham consciência de que a mudança da prioridade estratégica americana está em marcha e vai continuar: da Europa para a China e do Atlântico para o Indo-Pacífico. Para a Europa, o caminho é uma verdadeira defesa europeia. Não fora, mas dentro da NATO. E a questão não é se a mudança vai ou não acontecer. É saber se será súbita ou gradual. E se a Europa vai ter tempo para se preparar. Pelo sim pelo não, eu começava já.

<https://www.publico.pt/2024/07/10/opiniao/opiniao/elefante-sala-2096986>